

O VIOLEIRO QUE OUVIA TCHAIKOVSKY

Conto de Tavinho Moura - Ilustração de Carlos Wolney



Zé de Nem tinha sempre uma palavra de natureza calma, refreava qualquer braveza. Misturava português com sua língua nativa. Um dialeto só falado entre moradores, os de fora não entendiam. Todos ouviam obedientes suas formas de pôr trilhos nos eixos. Rejeitava estranhos. Espinho ficava guardado num vertedouro, de lá se conhecia quase nada. Sítio que ele sabia encher de saberes, dar e tomar lições. Poucas casas cor do chão, com tabocas ajudando sustentar a taipa.

Chegaram, enviados pela Universidade, dois homens do curso de Geologia. Não existiam mais grupamentos como o nosso. Espinho revelava

parte esquecida da história do Brasil. Depois alertaram que a encosta estava frouxa, abrindo fendas. Erosão acabaria sufocando as moradias. Propuseram outro lugar, que o Espinho se mudasse para o Córrego da Conceição.

Zé de Nem, com serenidade, abreviou: braço a braço, mão a mão, não podemos com outra natureza; herdamos esse fundo, é lar paterno, somos adotivos desse quartel. Honramos cada pingo, cada palmo do nosso quintal.

Me fez seu noviciado, pegou minha mão e em calmo cuidado levou na outra uma viola. Fomos ao pico do Espinho. Trilhas se perdiam no chão dando voltas para si mesmas. Lampião apagado escorregadio piso de pedregulhos travavam nossa caminhada. A mão de Zé de Nem secava meu suor, estava por minha causa, para me dar princípio. O vento soprou um rebojo empoeirado no entorno dos meus pés, subiu pelo corpo, nublou minha visão. Enquanto falava, me passou a viola:

— Viaje no tempo, longe do presente, descanse tecendo um *Rio Abaixo*, semente de onde vim.

Eu tinha sete anos. Minha cabeça não possuía cálculos, um esquema sonoro me guiava. Com jeito, sentei na pedra. Sem dar comando, minhas mãos começaram tocar *Correição*. Uma infinidade de notas na rapidez e aflição das formigas cortadoras.

Me vi tomado. Segui dedilhando pelo instinto que me guiava, apreciava os passeios que fazia por estranhas paisagens na companhia de dançadores de Lundu, testemunhas da grandeza daquela noite.

Não sei com que idade cheguei aqui, nunca tive registro de cartório. Deixei o dia a dia no Espinho, não indaguei nada, vim ver se a vida podia estender. Perambulei até os lampiões das casas se acenderem. Olhos afundados na caverna dos ossos, deitei cabeça na trouxa, abracei com a violinha e dormi sob a marquise da padaria. Ainda no escuro, no rádio do padeiro ouvi o *Concerto N°1*. Senti apertos, meu viver remexeu, não havia fim para tanta beleza. Dolores foi quem apareceu, me levou para a casa do Dr. Luiz e Dona Delma, que me adotaram como servente para todo tipo de serviço.

A gente que morava aqui, porque agora tem outra gente, deixou os sítios, foi para outros cantos. Caiaram as casas dos que ficaram, queimaram coberturas, morada dos barbeiros. Covas mais bem cuidadas restaram no

cemitério. Almas não tinham como ser entregues. Padre Graça morreu na sacristia vigiado pelas beatas, debatendo-se em enjoos. A sentença morava nas casas, em léguas pelo rio das Velhas, até chegarem os malaeiros com capacetes e reservatório nas costas.

Dr. Luiz veio na construção da estrada de ferro, encontrou esse desleixo. Em noites acesas caminhava pela casa numa mesma trilha, indo, voltando, até os tacos se desprenderem do chão. Manhãs não chegavam. Imaginava o corpo febril, se torturava no mórbido medo de um inseto. Dona Delma comprou tapa visão de pano preto. Vasculhava cantos na limpeza. Mesmo com todos os cuidados disponíveis, nada adiantava. Recente, ele fez teste, havia presença do parasita em quantidade. Não era de agora, contraiu na infância, casa dos pais Fazenda dos Quartéis.

Dois cavaletes sustentavam o caixão onde a estátua dormia. Cravos, rosas brancas quase cobriam o rosto. Tirei a viola do pano, passei a tira pelo pescoço, me postei num canto. Sem bater pés e mãos chamei um *Quatro de Salão*. Arrastei leve meu corpo como se outros dançantes formassem comigo a quadra:

*reuni meus cumpanheiro
e fui fazer meu roçado
botei a guariba na foice
e um macaco véio no machado*

Dr. Luiz deixou comigo, num inventário de carinhos, a estima que tinha. Me reconhecia dono de uma imensidão de terras musicais. Declinava sobre minha simplicidade, minha viola. Me sublinhava ser executor de misteriosos *Lundus* que varrem o vazio e fazem a vida no rio das Velhas ganhar razão. Sabia minha paixão por Tchaikovsky. Amigo a quem sou grato pelas noites que bebemos e serestamos. D. Delma olhava feliz o que eu fazia, estava repetindo as noites que brincamos. Luiz nunca escondeu vivacidade, nossas noites eram de peixe n'água, alegria de afortunada amizade, cachaça sem batismo e cerveja. Não haveria consolo de palavras.

Transparente véu cristal se misturava à blusa violeta. Pés aflorados apertavam sandálias. Chorava mais que a viúva na cabeceira do morto. Dolores, delicadeza que trabalhava na casa e me servia pingado de café com conhaque, olhava desolada. Veio também daqueles fundos dos Gerais, do Espinho de Zé de Nem, onde as casas desapareceram na erosão comidas pelos buracos.

— Antonio Violeiro, me lembro do dia que pai te passou a viola, dos invocativos que fez rendendo graças, cumprindo preceitos, enquanto você dormia com o instrumento no colo.

Deixei a cabeça cair sobre seu ombro: vá até minha casa, lá tiro seu triste. Não vamos trocar olhares como de costume, vamos trocar águas. Ela fez sinal, subindo, descendo o queixo, sorriu com os olhos.

Logo caiu a noite, ela tomou meu caminho. Chegou sob ciúmes da vizinha que gostava de governar o externo. Era cada qual em sua casa, um lado e outro da rua. Antes, por insinuações, namoros e desejos minha porta ficava entreaberta, ela entrava, eu soprava o candeeiro.

Dolores não se importou com os movimentos, viu a porta da casa se abrir e entrou. Bem-vinda ao meu ninho, cantarolei, pendurando a viola na parede. Essa cachaça ganhei de um todo-poderoso, cura-febres, sacode espíritos apaixonados. Num abraço de corpo viu que estava pronto. É uma febrezinha que tenho, minha temperatura está sempre acima, estou sempre de estro levantado quando sinto perfumes como o seu. Silenciamos a noite.

Tchaikovsky é oração que a gente segreda e reza. A música dormia. Ele escreveu um Concerto, misturou rostos e máscaras nos bailes palacianos. Gostava das danças, era folião como eu. Levei Dolores até a escadaria, no ponto da porta fechada que dava para o estúdio. Não demorou o programa Clássicos em Desfile, ouvimos na abertura o *Concerto N°1*. Amanheceu aquela composição guiando o dia. Fortalecia tanto que eu ia de tombo em tombo até chorar.

Nunca soube o que era Rússia. Sabia de ferramentas, animais contaminados, chaga, coceira e a doença no sangue. Até que soube que Tchaikovsky nasceu num lugarejo como o meu. Menino, já sentia a angústia da música. Estudou, fortaleceu alma. Revelou a primavera onde o inverno corria meses. Danças, sinfonias, o *Concerto N° 1* para piano, doação que nos deixou maiores. A melodia veio do povo, de mendigos cegos que tocavam num mercado. A Rússia é branca, mas sua música feita à luz de candeia percutia até encontrar as cores da noite.

Acordei com tremura, enjoo, cabeça descontrolada:

*com a lei da liberdade
pros ricos agora danou
os escravos bateu palma*

que a escravatura acabou
adeus Zambi adeus
adeus Zambi senhor
adeus Zambi adeus que meu cativo acabou

Não largava dos versos, lembranças são uma espécie de doença, não havia mais o Espinho, um lugar tão bem concebido que acabou pelo destino.

Clínico, Dr. Ricardo veio até minha casa medir minha febre, coletar sangue para exames.

— Dolores disse que você caiu, anda precisando ver um médico. Perguntou pela viola, ficou olhando a parede.

— Tenho costume de sair do consultório, sentar no passeio da vizinha e ficar até tarde da noite ouvindo sua música. Não conheço nada parecido. Você é dono de execução impecável. Um poder preciso, coisa que mora dentro, você chama e vem. Valiosa fortuna reside em suas invenções. A *Anhuma do Brejo*, escuto três violas ao mesmo tempo. Te vejo, meus olhos parecem não acreditar que da escuridão desse cômodo, um artista anuncie em lírica musical um retrato tão próprio do Brasil.

D. Delma também veio me ver. A pedra que escora a porta estava no meio do caminho, tropecei, bati cabeça. Fez curativo. Pediu-me que fosse sábado à sua casa, que levasse a viola, Dilermando Reis estava na cidade, à noite faria um sarau.

— Luiz me falava que quando morresse, no velório, queria que tocassem *Abismo de Rosas*. Agora passado um ano de sua morte, faremos essa homenagem. Muitos amigos estarão presente. Os que sonharam com ele outro Brasil. Companheiros de movimento estudantil, do sindicato dos ferroviários. Muito perseguido, Luiz vinha pra cá, se escondia na Fazenda. Foi quando me conheceu. Depois, voltamos casados em outro período difícil. Houve grande concentração na Praça da Estação, o país parou naquele dia. Um miliciano deu partida numa locomotiva querendo furar a greve. Luiz se deitou na linha.

Preferi ficar junto de Dolores no cheiro bom da cozinha. Meu chapéu não cobria bem o curativo, uma ponta suja sobrava caída. Mangas puídas, colarinho já virado, mas eu estava limpo. Dr. Ricardo, a cada música que Dilermando tocava, discursava como grande conhecedor. Até que chegou minha hora. Ninguém ali sabia de mim. Dr. Ricardo descreveu.

— Não é fácil saber a importância, a riqueza da viola. Existe neste instrumento, está guardado nele, um estado de pureza, um sabor nativo que revela e fortalece nossa brasilidade.

É difícil ser o centro sob olhares daquela gente grã-fina. Remexi as cravelhas, falei que temperava, todos riram. Brinquei num pedacinho de *Lundu*, antes mesmo dele acabar firmei mão em *Coração Disparado*. A *Anhuma do Brejo* Dilermando disse que lembrava *Oiá de Rosinha*. Me vi no Espinho, tocando para meu pai, para os fantasmas sempre presentes naquelas noites. Para Dona Delma toquei *Marcha de Quadrilha*, ela segurou meu braço — Antonio, de suas mãos escorrem sabedorias desconhecidas. Dilermando disse que era erudito, um clássico, um virtuose. Que lembrava grandes compositores. *Coração Disparado*, choro que ele gostaria de gravar. Dona Delma encerrou a noite cantando à capela, com as mãos apertando o coração, a modinha *Sereno da Madrugada*.

Fui com Dolores para a escadaria da rádio. Assentamos no topo ao lado da porta dos fundos. Ainda corria noite, o locutor anunciou Clássicos em Desfile e começou o *Concerto N°1*. Ouvimos apertados um no outro aquele milagre. Fomos para casa, eu só falava Tchaikovsky.

Minha cabeça tecia desordens, não parava de tocar *Capitão do Mato*. Naquele dia não dormi, não tinha controle sobre as músicas que iam chegando, possuindo meu calmo. Delas surgiam meninos com chagas no rosto. Ouvia o ruído do vento na rocha do Espinho, o escuro dormia, meu Pai falava que eu não esquecesse de apurar virtudes, ouvir o interno.

Tudo foi me confundindo, retorcia de frio, toquei *Infusado* enquanto sonhava uma pesca no rio das Velhas. Fumaça d'água foi se desfazendo, nela boiou um tronco, firmei visão, era uma canoa. Veio remando, emparelhou, tomou benção, bebeu minha pinga, pediu que não parasse de tocar.

- Você é Antonio de Zé de Nem. Hoje troco a ferradura. De légua daqui ouvi a viola, pensei: é o enviado, música tocada, vim conferir, receber princípio. Está soprando um rebojo no entorno dos meus pés, subindo pelo corpo, nublando minha visão. Vê aquela luz no final da curva lá em baixo, é lá que moro. Planto fumo, tenho umas leitoas cabeçudas de olhos muito grandes.

Queixou-se do vento molhado, tomou benção, soltou amarra, foi rio abaixo. Um menino manso, ribeirinho. Na água reinavam redondos redemoinhos de vento molhado. Alma de violeiro é destinada, passarinho de curral que canta empoleirado em boi.

Dr. Ricardo chegou, mediu minha temperatura, falou alguma coisa sobre meu exame de sangue. Fiquei pensando na coleção de barbeiros que tive na infância. Verdes, marrons, e o flamenguinho, mais bonito deles que eu tirava de buracos nas paredes.

— Antonio, ainda não sei como o destino veio me trazer tanta alegria. O que ouvi ontem ainda brinca na minha cabeça como estrelas na eternidade da noite.

Tavinho Moura, mineiro de Juiz de Fora, é músico e escritor.